

## Recensão

### *VALDOSENDE: ORIGEM DE UMA MINORIA PROTESTANTE EM TERRAS DO GERÊS*

Rosa Maria Lopes (2009)

Porto: Edição da autora

Os traços da modernidade que marcaram o ocidente europeu depois da II Guerra Mundial – crescimento económico, intensificação dos fluxos migratórios, desenvolvimento tecnológico, aumento dos níveis de escolaridade e secularização, só para citar alguns exemplos – poucas repercussões tiveram em Portugal.

Ao escrever sobre uma pequena aldeia perdida nas franjas do Gerês, Rosa Maria Lopes revela a preocupação de contextualizar a história sobre aquele lugar no quadro geral da sociedade portuguesa dos anos sessenta do século XX: os baixos índices de desenvolvimento económico e social, a iliteracia, a emigração para os países desenvolvidos da Europa e dos Estados Unidos, o monolitismo religioso, o fechamento em relação ao mundo, este agravado por guerras coloniais sem fim à vista.

No que respeita à homogeneidade da paisagem religiosa, de recordar que o país nunca tinha conhecido a reforma protestante. Depois da expulsão e conversão de muçulmanos e judeus, as primeiras minorias religiosas surgiram apenas em finais do século XIX como fenómeno de importação, por via de estrangeiros, de tradição protestante e evangélica, cá radicados. Tal diversificação, estatisticamente exígua, não pluralizou a sociedade portuguesa e a abertura religiosa do tempo de curta duração da Primeira República foi efémera e inconsequente. Isto explica uma secularização tímida, tanto em termos de práticas e crenças religiosas individuais como, no plano macro-societal, dada a proximidade que o Salazarismo estabeleceu sempre com o catolicismo romano, com vista a uma legitimação religiosa do poder político.

Valdosende foi, antes de se tornar o “caso especial”, um caso ilustrativo desse Estado Novo em agonia. O lugar do Assento da freguesia de Valdosende exemplifica adequadamente o norte rural português. Em finais de sessenta e inícios de setenta do século passado, a aldeia, tal como refere a autora, tem as suas melhores terras de cultivo submersas no Cávado, devido à construção da barragem da Caniçada. Como se tal não bastasse, a lei de florestamento dos baldios, que remontava aos anos trinta, empobreceu o rebanho de cabras. Pastores e agricultores transformavam-se em madeireiros, cortando troncos e vendendo-os. E é neste quadro de depauperização acelerada que os habitantes de Valdosende se vêm confrontados com as exigências de um pároco que impõe a construção de uma nova residência paroquial.

Assim nasce e se agudiza o conflito que mobiliza a comunidade – onde as mulheres assumem um protagonismo determinante – a escrever a arcebispo, cardeal e Papa. Sem sucesso. A situação vira desespero, pois é atingido o ponto em que não há quem celebre os rituais de passagem nem assegure os momentos religiosos do ano litúrgico. Uma comunidade reunindo muitas, senão todas, as características do ideal-tipo camponês, vê-se destituída da sua dimensão sagrada a qual, como se sabe, é indissociável de toda a vida colectiva camponesa. Acima de tudo, a honra colectiva, sustentáculo a sua identidade, fica exposta à humilhação e vê-se sob estado de ameaça.

É isso que determina o passo decisivo de procura de uma igreja protestante. Havia que rapidamente, sob que modalidade fosse, ressacralizar a vida social. Apesar da teologia protestante ter na sua essência a importância da conversão individual, a mudança religiosa opera-se aqui colectivamente – quase 100 profissões de fé num único culto em 1972. A ressociação na nova fé só depois acontece. O processo de conversão, reconheça-se, foi facilitado pelo facto de o pastor da Igreja Metodista de Braga e respectiva esposa possuírem uma sensibilidade ímpar relativamente ao problema com que foram confrontados e a consciência plena de que a inevitável ruptura religiosa não poderia, por um lado, anular as tradições populares da cultura camponesa nem, por outro, consubstanciar-se num discurso anti-católico romano.

Quase repentinamente Valdosende transfigurou-se em palco e actor de uma mudança que o recolocou tanto no campo religioso como no campo social. De pequeno ponto no “mar do catolicismo”, aquele lugar reemergiu, de forma sísmica, como ilha – expressão aliás utilizada pela imprensa da época. Reformulando a metáfora, ocupando um lugar despercebido na centralidade hegemónica do mundo católico, arriscou mudar-se para as margens ocupadas pelas religiões minoritárias, sujeitando-se a todo o tipo de fragilidades que tal implica.

A forma como Valdosende sobreviveu lembra-nos o estatuto das minorias religiosas de outras épocas. Não as das democracias do século XX mas das minorias antes da Reforma do século XVI e mesmo depois dela. Tal como, no passado, muçulmanos na Europa cristã e judeus e cristãos sob o Império Otomano, Valdosende passou a ser considerada como um grupo à parte, uma espécie de corporação com uma cultura específica. E, como sabemos, as minorias religiosas são, à partida, desprovidas de poder, recursos e oportunidades face aos detidos por Igrejas maioritárias, com quem o Estado (mesmo o secular) elege sempre como interlocutor principal.

Pesem todos os obstáculos, a população de Valdosende, sob a orientação a igreja Metodista, enveredou pela acção. Numa primeira fase, foi lançado um plano de SOS com vista a dar resposta às situações mais dramáticas de carência de bens de primeira necessidade (alimentos, roupas), cujas crianças eram as primeiras vítimas. Entretanto, foram sendo concebidos os projectos. A construção do templo foi uma necessidade prioritária. Independentemente da questão utilitária – criação de um espaço para o culto religiosos -, a dimensão simbólica nele implicada permitiu a restituição da dignidade colectiva da aldeia.

Uma vez recuperado o sagrado materializado no templo, a Igreja Metodista procurou levar a cabo projectos de cariz social, segundo uma lógica de desenvolvimento auto-sustentado, que a autora dá conta no texto, não escamoteando as conflitualidades presentes em muitas das iniciativas encetadas.

Utilizando um conceito sociológico recorrente, Valdosende reterritorializou-se: consolidou-se localmente mas adquiriu, de igual modo, uma projecção sui generis ao nível de igrejas e organizações protestantes europeias. Paradoxalmente, ao protestantizar-se aquele lugar simultaneamente guetizou-se (do ponto de vista religioso) e passou a pertencer um mundo maior, estabelecendo redes dentro da sociedade portuguesa e fora dela.

Valdosende está longe de ser, do ponto de vista sociológico, um fenómeno que tivesse repercussões estatísticas ou efeitos de proliferação causadores de impacto no mundo religiosos minoritário português. Os meios de comunicação social, ainda que lhe tenham prestado alguma atenção, estavam longe de ter a capacidade de noticiar e potenciar como actualmente. Além disso, o quadro não era propriamente democrático. Valdosende é, como se disse, um fenómeno que se opera nas margens. Este livro é claro quanto a isso. E o seu valor reside precisamente aí. A análise de um fenómeno minoritário contribui, sem qualquer dúvida, para uma compreensão mais aprofundada da nossa sociedade e dos processos sociais nela em curso.

*Helena Vilaça*  
Socióloga